

## Estudos Medievalistas do Norte Europeu e o Estado da Arte no Brasil

### *Estudios Medievalistas del Norte Europeo y el Estado del Arte en Brasil*

Amanda Basilio Santos<sup>1</sup>

#### Resumo

Este artigo pretende abordar o estado da questão dos estudos medievais que se dedicam à análise histórica do norte europeu no período medieval, assim como discutir o aprofundamento do entendimento destas regiões através da ampliação das fontes utilizadas pelos historiadores. Faremos um breve apanhado do desenvolvimento da historiografia europeia neste sentido, assim como discutiremos a ampliação do interesse dos pesquisadores brasileiros por esta área em questão nos últimos anos, destacando a criação de núcleos de pesquisas direcionados ao estudo do norte da Europa na Idade Média, em especial o NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos) e o NEIBRAM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medieval).

**Palavras-Chave:** Medieval, Historiografia, Estudos Medievais.

#### Resumen

*Este artículo pretende abordar el estado de la cuestión de los estudios medievales que se dedican al análisis histórico del norte europeo en el período medieval, así como discutir la profundización del entendimiento de estas regiones a través de la ampliación de las fuentes utilizadas por los historiadores. Haremos un breve vistazo al desarrollo de la historiografía europea en este sentido, así como discutiremos la ampliación del interés de los investigadores brasileños por esta área en cuestión en los últimos años, destacando la creación de núcleos de investigaciones dirigidos al estudio del norte de Europa en la Edad Media, especialmente el NEVE (Núcleo de Estudios Vikings y Escandinavos) y el NEIBRAM (Núcleo de Estudios Interdisciplinarios de las Islas Británicas: Antigüedad y Medieval).*

*Palabras claves:* Medieval, Historiografía, Estudios Medievales.

### 1. Introdução

A História enquanto disciplina passou por muitas modificações desde suas propostas iniciais enquanto ciência no século XIX. Por muito tempo, a História medieval esteve negligenciada por este ser um período considerado como a Idade das Trevas, ou então era ligada ao romantismo do século XIX, que via na Idade Média um período de encantos, o que não era mais justa do que seu relativo negativo. Porém, a História é dinâmica e isto deve-se as discussões e inquietações dos historiadores, sempre relacionados ao seu contexto histórico. As contribuições são débitos a inúmeros agentes, porém uma grande parcela do avanço deu-se por conta da Escola dos Annales.

Segundo Francisco Falcon, havia uma dupla tarefa que os fundadores dos Annales tiveram de enfrentar: a primeira seria uma concepção de História factual e a segunda seria descentralizar os agentes aos quais eram atribuídos historicidade, que no momento seriam os

---

<sup>1</sup> Bacharel em História (PPGH – UFPel), Especialista em Artes (PPGA – UFPel), Mestra em História Medieval (PPGH – UFPel), Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP – UFPel). Membro do LAPI (Laboratório de Política e Imagem). Brasil, Pelotas/RS. E-mail para contato: amanda\_hatsh@yahoo.com.br.

"grandes homens", o que levava a um eixo principal de produção, a História Política. (FALCON, 1997, p. 107)

Marc Bloch, um dos fundadores dos Annales, escreveu uma obra já clássica dentro da historiografia: *Apologia da História ou o Ofício do Historiador* (1987), que confronta exatamente os pontos levantados por Falcon. Trata-se de uma obra que só foi publicada após a morte do autor, - e foi escrita sob circunstâncias adversas, enquanto estava preso pelos nazistas por conta de sua participação na Resistência Francesa, - fato que resultou em sua execução por fuzilamento pelo Oficial da SS Nikolaus Barbie - sendo este um livro inacabado e escrito basicamente através da memória de Marc Bloch.

Nesta obra, Bloch discorre a respeito das suas principais concepções sobre a História e apresenta pontos fundamentais de afastamento com o modo Positivista de escrita historiográfica. Ele propõe o distanciamento da História factual, limitada em suas fontes de pesquisas, isolada em seu próprio *modus operandi*, concentrada em poucos sujeitos históricos. Ele apresenta de fato um grande alargamento: uma dilatação de sujeitos, fontes e métodos para o estudo do "homem no tempo". Ao fazer tamanha asserção, ele amplia os limites de atuação do historiador, coloca-o diante de um mundo de possibilidades ainda a serem exploradas, e também relaciona o fazer historiográfico a outros campos disciplinares com os quais deve interagir. Estas propostas metodológicas afetam ainda hoje o modo de produzir o conhecimento histórico em geral, influenciando os resultados de pesquisa alcançados pelos medievalistas, que são o principal foco de nosso artigo.

Em sua obra *A Sociedade Feudal*, podemos ver a execução das propostas de Marc Bloch de modo monumental: teremos um estudo ligado ao social, e não centralizados em poucos personagens; a sua vastidão de fontes é impressionante, pois, além dos documentos tradicionais de origem eclesiástica e legislativa, ele ainda abarca as fontes arqueológicas, as análises linguísticas que envolviam estudos de toponímia e onomástica, entre outros. Também trabalhou de forma bastante extensa com os costumes, através das *chansons de geste*, por exemplo. Nesta ambiciosa obra, seu segundo Livro é dedicado a uma linha inovadora que viria a se consolidar na década de 1960 como História das Mentalidades. Pretende compreender, segundo seu próprio título, "As Condições de Vida e a Atmosfera Mental" (BLOCH, 1979, p. 79), abrangendo questões econômicas, sociais, religiosas, que permitam a compreensão de uma "feudalidade" que caracterizaria o período. Mas o próprio Marc Bloch destaca:

Jamais seremos capazes de penetrar tão bem a mentalidade dos homens do século XI europeu, por exemplo, quanto o podemos fazer para os contemporâneos de Pascal ou de Voltaire: porque não temos deles nem cartas [privadas], nem confissões; porque só temos sobre alguns deles biografias ruins, em estilo convencional. (BLOCH, 2001, p. 75-76).

Bloch ainda salienta que chegará o momento em que o pesquisador deverá consolar-se em admitir que não sabe e que não há como responder determinadas questões. Portanto para que se possa ter um vislumbre de certas demandas consideradas mais inacessíveis é necessário recorrer a outras fontes e outros métodos, para tanto Bloch apoia-se na cultura material para a compreensão deste ser humano distante e recorre à Psicologia para a compreensão de fenômenos que a História por si só não era capaz de explicar.

Esta diversidade de fontes, objetos e abordagens tornou-se fecunda e a medievalística ainda deve muito a Marc Bloch. A sua atenção ao contexto, retirando o foco do acontecimento como fato, trouxe outra forma de escrita, que se preocupa em explicar, em compreender, e não apenas em narrar, tais proposições alterariam a produção historiográfica para muito além da França.

## 2. Medievalística brasileira: trajetória ascendente

Embora Alain Guerreau tenha afirmado que os estudos medievais iriam se constituir no Brasil como uma ciência de europeus que ecoaria em obras de brasileiros, como o *Modo de Produção Feudal* de J. Pinsky (1982), que atribui aos europeus o exclusivismo sobre o longo período medieval, o panorama atual não podia ser mais diferente. Temos como divisor de águas a década de 1990, que Rust e Bastos, defendem como o período que definiu o “direito de cidadania histórica dos estudos medievais no Brasil” (BASTOS; RUST, 2009, p. 164). A partir da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), fundada em 22 de março de 1996, os brasileiros mostraram que não apenas podem pesquisar o período medieval, como o podem fazer com extrema qualidade. Através desta entidade civil sem fins lucrativos, foi possível organizar as pesquisas que são realizadas no Brasil, e elaborar eventos cujas temáticas sejam focalizadas na Idade Média. A ABREM hoje conta com entorno de 450 sócios regulares, e além da sua publicação acadêmica (Revista Signum) que é reconhecida internacionalmente e conta com publicações de pesquisadores medievalistas europeus, o que fomenta a troca na produção científica, ainda organiza eventos, promove cursos e palestras, sendo que o principal evento promovido é o Encontro Internacional de Estudos Medievais.

Os estudos em História Medieval no Brasil encontram-se em ritmo ascendente, estão sendo criados novos grupos de pesquisa que aumentam a gama de contextos locais e temporalidades estudadas, assim como aumentam o número de pesquisas publicadas na área. Um tema de pesquisa que antes concentrava-se no Rio de Janeiro e em São Paulo agora é estudado em todas as regiões brasileiras, sendo que as produções tiveram seu aumento significativo entre as décadas de 80 e 90. (AMARAL, 2011).

Ao que se deve este crescimento? Não desejamos aqui dar uma resposta definitiva, mas apontar o quinhão devido aos bancos de dados online nesta trajetória. Durante muito tempo os medievalistas brasileiros encontravam-se com dificuldades para o estudo deste período pela simples dificuldade de acesso às fontes medievais e à bibliografia especializada. Apenas um grupo muito seleto tinha condições de acesso direto aos seus objetos de pesquisa que implicava em viagens e grandes encargos financeiros, além do mais, parte da documentação ainda podia encontrar-se inacessível por conta de procedimentos de conservação e restauro, além das taxas que podiam ser cobradas para o acesso. Quanto à bibliografia, dependia-se de uma quantidade ínfima de obras traduzidas para o português - em geral ligadas à produção medievalística francesa, o que limitava tanto as temáticas como a metodologia e teoria utilizada - (SILVA; SILVA, 2007) ou dos serviços de importação disponibilizado por algumas livrarias, que em geral implicavam em espera de alguns meses.

Graças a estes esforços de democratização das fontes, surgiram possibilidades novas de estudos aos pesquisadores brasileiros interessados nos estudos de História Antiga e Medieval. Com novas ferramentas de pesquisa diversificou-se o interesse alusivo às áreas geográficas de pesquisa. Atualmente temos dois grupos de estudos no Brasil preocupados com as discussões referentes ao norte europeu durante o medievo. O mais conhecido atualmente é o NEVE<sup>2</sup> (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos).

Um grupo mais recente que segue uma linha semelhante é o NEIBRAM<sup>3</sup> (Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo). Este é um grupo ainda mais recente, sendo criado em 2014, e tem como coordenadores Renan Marques Birro e Elton Oliveira Souza de Medeiros e está ligado à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

<sup>2</sup> Site oficial do NEVE: <http://neve2012.blogspot.com.br/>. E-mail de contato: [neveufpb@yahoo.com.br](mailto:neveufpb@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Site oficial do NEIBRAM: <http://www.neibram.org/>. E-mail de contato: [neibram@infohistoria.org](mailto:neibram@infohistoria.org).

Embora estes grupos sejam novos e ainda pouco divulgados, são uma amostragem do crescimento do interesse de medievalistas e classicistas brasileiros pelo norte europeu. Além disso, são um importante indicador da ampliação geográfica dos estudos em história medieval no Brasil, que antes se concentravam em dois polos regionais: São Paulo e Rio de Janeiro.

As possibilidades de maior acesso às fontes e bibliografia especializada auxiliam este crescimento, assim como as escolhas de referenciais teóricos, que não exigem uma ligação direta com o passado estudado, como acontecia com o medievalismo no Brasil, que deveria estar ligado à Espanha ou a Portugal, por sermos hereditários diretos destas regiões. Hoje se possui uma visão mais democrática e menos bairrista nos estudos historiográficos, permitindo análise de locais antes não abordados. Percebemos também que estes grupos se encontram distantes dos centros tradicionais de estudos em Antiguidade e Medievo no Brasil, que tradicionalmente se localizam no Rio de Janeiro e em São Paulo, o que demonstra a grande expansão destas pesquisas no país.

### 3. Conclusões

Vimos que a diversificação das questões teóricas levou ao aumento das temáticas abordadas nos estudos do norte medieval, guiando desde o recorte até o resultado final da pesquisa. Tentamos, deste modo, pensar brevemente a medievalística para o norte da Europa através das modificações de conceituações, que levam a alteração de posicionamento e de problemáticas. Por exemplo, embora a identidade continue uma preocupação dos estudos históricos, ela já não é tratada de mesmo modo, e novos grupos de agentes sociais surgem como importantes neste novo panorama. Posteriormente fizemos uma aproximação ao estágio que se encontram as pesquisas do norte medieval no Brasil, assim como tentamos destacar as novas possibilidades de pesquisa que se abrem ao pesquisador brasileiro, levando em consideração o momento em que nos encontramos em um processo de democratização das fontes históricas. Estamos em um momento de constante expansão de temáticas e recortes de pesquisa, assim como em um período de expansão dos centros de pesquisa, havendo a constituição de núcleos de pesquisas em locais que não são centros tradicionais em estudos em história medieval.

### Referências

- ALMEIDA, A. C. L.; AMARAL, C. D. O. O Ocidente Medieval segundo a Historiografia Brasileira. *Medievalista Online*, v. 4, n. 4, p. 1-41, 2008.
- AMARAL, R. O Medievalismo no Brasil. *História Unisinos*, 3, n. 15, Setembro/Dezembro 2011. 446-452.
- BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BECKWITH, S. *Christ's Body: Identity, Culture and Society in Late Medieval Writings*. Nova York e Londres: Routledge, 1996.

BLOCH, M. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BLOCH, M. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRADLEY, I. *Believing in Britain: The Spiritual Identity of Britishness*. Londres: I. B. Taurus, 2007.

COHEN, J. J. *Cultural Diversity in the British Middle Ages: Archipelago, Island, England*. Nova York: Palgrave McMillan, 2008.

COLLEY, L. *Britons: Forging the Nation, 1701-1837*. 2ª. ed. Londres: Pimlico, 2005.

CONDE-SILVESTRE, J. C.; CALLE-MARTÍN, J. (Eds.). *Approaches to Middle English: Variation, Contact and Change*. Nova York e Oxford: Peter Lang, 2015.

DIAS, A. F. Dos estudos culturais ao novo conceito de Identidade. *Gepiadde*, Itabaiana, v. 9, n. 5, 2011.

FALCON, F. História e Poder. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 97-138.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KHANMOHAMADI, S. A. *In Light of Another's Word: European Ethnography in the Middle Ages*. Philadelphia: PENN, 2014.

MACEDO, J. R. *Os estudos medievais no Brasil: catálogo de teses e dissertações*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.

NEIL, D. G. *The Masculine Self in Late Medieval England*. Chicago: Chicago University Press, 2008.

NÚCLEO de Estudos Vikings e Escandinavos, 2012. Disponível em:  
<<http://neve2012.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 setembro 2015.

REIS, J. C. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Fevre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.

RIX, R. W. *The Barbarian North in the Medieval Imagination*. Nova York: Routledge, 2015.

RUST, L. D.; BASTOS, M. J. D. M. Translatio Studii: A História Medieval no Brasil. *Signum*, São Paulo, v. 10, p. 163-188, 2009.

SILVA, E. A. Bancos de Dados e Pesquisa Qualitativa em História: Reflexões acerca de uma experiência. *Revista de História Regional*, v. 3, n. 2, p. 167-176, 1998.

SILVA, L. R. D.; SILVA, A. C. L. F. Os Estudos Medievais no Brasil e a Internet: uma análise do uso dos recursos virtuais na produção medievalista (1995 a 2006). *História, imagem e narrativas*, Ano 2, n. 4, 2007. 134-147.

SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMITH, A. Set in the Silver Sea: English National Identity and European Integration. *Workshop: National Identity and Euroscepticism: A Comparison Between France and the United Kingdom.*, Oxford, p. 1-14, 2005.